

"Decifra-me ou devoro-te" (Breves anotações sobre a contribuição psicanalítica à análise do objeto literário)

Élcio Luís Roefero

*Doutorando em Letras (Teoria Literária e
Literatura Comparada) na Universidade
de São Paulo. Mestre em Literatura e Crítica
Literária pela Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo. Professor Titular e
Coordenador de Pesquisa nas Faculdades
Integradas Teresa D'Ávila.*



“A literatura, como toda arte, é uma confissão de que a vida não basta.”

Fernando Pessoa

“A literatura nasce de uma dupla falta: uma falta sentida no mundo, que se pretende suprimir pela linguagem, e a própria sentida como falta.”

Leyla Perrone-Moisés

A ideia deste ensaio é tentar responder a algumas indagações dos alunos de graduação em Letras interessados na confluência entre Literatura e Psicanálise. Pretendemos, aqui, tecer um pequeno roteiro acerca dos estudos críticos da área em questão, bem como exemplificar alguns casos exemplares de análise textual com base nessa união de saberes.

Antonio Candido (1995), no ensaio “O direito à literatura”, constrói, de maneira breve e certa, uma definição para Literatura e sua relação com a humanidade.

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações.

Vista deste modo a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação (p. 242).

A respeito da Psicanálise, Jean Bellemin-Noël (1983) nos empresta um possível paradigma:

A psicanálise (entendo por este termo a doutrina freudiana) mais do que uma ciência é a arte de decifrar uma verdade em todos os setores enigmáticos da experiência humana, tal como o homem a vive, isto é a “fala” a um outro ou a si mesmo. Não distinguindo um sujeito de um objeto de conhecimento, ela nega que exista um sujeito definido ou definível, e objetos de pensamentos que não sejam habitados, desviados pelas artimanhas, tentativas, desejos de uma parte do sujeito (p. 9).

Ao longo da obra de Sigmund Freud, as referências à Literatura foram uma constante. O mestre de Viena, com frequência, encontrava nos textos ficcionais uma confirmação de suas construções teóricas e apontava – de maneira polêmica – ser as criações poéticas (e a arte em geral) obras de fantasia, a realização de um desejo e a correção de uma realidade insatisfatória.

Centrando-se na leitura do texto literário aliada às teorias de Freud e seus seguidores, da interdisciplinaridade que compreende a Literatura e a Psicanálise, Adélia Bezerra de Meneses (2004) nos diz:

Com efeito, as relações entre Literatura e Psicanálise se dão em mais de um nível: desde a utilização da Palavra como matéria-prima comum, até a refinada fórmula lacaniana do “inconsciente estruturado enquanto linguagem”, passando pelo substrato comum a sonhos, mitos, lendas, lapsos, epopeia, romance, poema – a imersão do inconsciente. Pois a arte é um espaço onde se permite ao inconsciente aflorar; e a psicanálise é antes de mais nada o reconhecimento desse inconsciente. E desde Freud, cujas poderosas intuições não dispunham ainda do arsenal da Linguística estruturada enquanto ciência, até hoje em dia, as relações entre Linguagem e Inconsciente se tornam cada vez mais explícitas (p.11).

Ainda na esteira de Adélia Bezerra de Meneses (idem), podemos acrescentar que a literatura provê arquétipos de comportamento. Dessa forma, a literatura, num processo inaugurado por Freud, tornou-se a fonte para a denominação de categorias fundantes da Psicanálise: Édipo, narcisismo, sadismo, masoquismo - e também paradigmas de modos de ser: bovarysta, quixotesco, acaciano, macunaímico...

A respeito da afinidade existente entre Literatura e Psicanálise, e suas possíveis relações, Hórus Vital Brazil (1992) escreve:

Se a psicanálise é possível é porque nós, enquanto psicanalistas presos ao “princípio da não-resposta”, do nosso “lugar” que é um topos que não responde ao significado ou ao enunciado, possibilitamos que as refrações do significado, as ressonâncias e as escansões das palavras mobilizem a disponibilidade interpretativa da subjetividade fazendo que a fala diga mais do que quer dizer, indicando o interdito na demanda de análise que é endereçada, não à passividade de um ouvido que só escuta, mas ao psicanalista que decifra; da mesma maneira que o escritor da obra literária, buscando o interlocutor como leitor ideal em uma demanda de comunicação e reconhecimento, vem encontrar o ativo leitor que interpreta e pode, portanto, ler além do escrito, fazendo uma aproximação à interpretação psicanalítica do texto literário (p. 55).

A análise literária com base psicanalítica não é nova na práxis da crítica literária. Talvez, caiba, entretanto, um breve panorama desse instrumental teórico na análise da linguagem literária. Seu início, nos anos de 1930, sobretudo na França, mostra uma crítica preocupada em estudar o autor e apontar as neuroses do gênio, como é o caso de René Laforgue (1931), que retrata o ‘fracasso’ em Baudelaire. Chamada de patografia, essa linha de abordagem centra suas análises na vida do autor: seus dramas e traumas pessoais, de acordo com Bellemin-Noël (1983). Outra vertente, conhecida como psicobiografia, trabalha também com o propósito de investigar o autor em primeiro plano. Posteriormente, cabe destacar a psicocrítica de Charles Mauron (1948) com seu “modelo das metáforas insistentes”, que permitem configurar uma rede de relações em que desponta o “mito pessoal” do autor, de forma a tornar a análise apoiada no texto. Ainda assim, a biografia do escritor permanece relevante demais.

Somente nos anos de 1970 é que surgem as primeiras propostas mais diretamente ligadas à análise textual, denominada textanálise ou piscaleitura, que abrem mão da vida do autor e sua repercussão na obra literária. Nesse sentido a contribuição de Lacan é decisiva e a mediação entre Psicanálise e Literatura ganha importantes nomes de áreas como a Linguística (Saussure, Jakobson) e a Filosofia (Derrida, Paul Ricoeur, entre outros), além de grandes pensadores como Gaston Bachelard, Jean Starobinski e Roland Barthes, que reconhecem a contribuição da Psicanálise na interpretação da cultura, segundo aponta, de forma elucidativa, a pesquisadora Cleusa Rios Pinheiro Passos (1995, p.15-24).

Num ensaio claro e didático, Samira Chalhub (1999, p. 22-5) enumera e sintetiza os escritos de Freud cujo objeto tratado era a criação textual. Para a pesquisadora, Freud é um “admirador espantado diante da criação”, no que concerne o fazer literário. Foram dignos de nota os trabalhos: **Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen** (1906), **Dostoiévski e o Parricídio** (1928), **O Estranho** (1919), **Escritores Criativos e Devaneios** (1908), **O Moisés de Michelângelo** (1914), **O interesse científico da psicanálise** (1913), **O tema dos três escrínios** (1913), **Uma recordação da infância de Dichtung und Wahrheit** (1917), **Uma nota sobre o Bloco Mágico** (1925) e **Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância** (1910).

Freud sempre demonstrou grande admiração pelos grandes escritores porque, guiados unicamente pela intuição, alcançaram profundidades do espírito humano. Sófocles em seu **Édipo rei**, por exemplo; Shakespeare em **Hamlet**; Dostoiévski em suas novelas etc. Todos eles pintaram condutas que a Psicanálise, como técnica científica, desvelaria. Escreve Freud (2003):

E os escritores criativos são aliados valiosos, cujo testemunho deve ser levado em alta conta, pois costumam conhecer toda uma vasta gama de coisas entre o céu e a terra com as quais nossa filosofia ainda não nos deixou sonhar. Estão bem adiante de nós, gente comum, no conhecimento da mente, já que se nutrem em fontes que ainda não tornamos acessíveis à ciência. (p. 10-1)

O interesse pela Literatura não foi privilégio apenas de Sigmund Freud. Jacques Lacan também cita autores de diferentes nacionalidades e aconselha, de modo entusiasta, os jovens analistas ao estudo do texto literário. A respeito do fato, Philippe Willemart (1995) nos diz:

Embora usando a topologia, os símbolos, os modelos, as estruturas, Lacan inclui a literatura no campo de suas pesquisas e na formação dos analistas. Se, por um lado, salienta a antecedência do campo analítico sobre qualquer outro, por outro lado, define a literatura como litoral e fronteira entre a verdade do inconsciente e um saber em Litterature. A ação analítica tanto quanto a literatura situa-se antes da constituição do saber da ciência psicanalítica ou da crítica; as duas manejam a linguagem pelas associações do analisando e a pontuação do analista no consultório ou pela enunciação na escrita (p.145-6).

O próprio Lacan reconhece, na obra de Freud, a im-

portância do texto literário. Isabel Paraíso (1994), pesquisadora espanhola, empresta-nos a citação:

Según Lacan, Freud derivó su inspiración, su manera de pensar y sus armas técnicas más de la literatura de ficción que de las ciencias. Nosotros no lo creemos así, pero ciertamente, al ser Freud un hombre muy culto y amante de las artes – en la tradición humanista de los médicos – , es lógico que tome la literatura y el arte tanto como puntos de referencia para sus teorías como para su confirmación (p. 55).

Com efeito, se a Literatura foi, num primeiro momento, um campo de prova para a Psicanálise, um lugar em que esta buscava verificar a eficácia e a validade de seus princípios, acabou por se tornar, com o desenvolvimento da própria reflexão psicanalítica, o lugar em que aquele que supostamente ocupa o papel de analista se depara com seu próprio desejo.

Dessa forma, num processo inaugurado por Freud, vemos dois movimentos de investigação trilhados e privilegiados em diferentes momentos históricos. Por um lado, parece estabelecer-se entre a Literatura e a Psicanálise uma relação aditiva em que se tenta acrescentar sentidos ao texto literário a partir da interpretação psicanalítica e, por outro, vislumbra-se uma atitude que poderíamos chamar de extrativa, interessada em tentar resgatar do texto literário a particularidade que pudesse nutrir a Psicanálise (cf. VILLARI, 2002).

Podemos supor que parte da “imagística poética” escapa ao controle consciente do escritor. Assim, o autor elabora os seus enredos e incorpora inúmeras convenções artísticas, porém, o mais denso de suas produções, o sentido latente de suas imagens temáticas ficam à deriva. Com isso, para captar uma “mensagem oculta”, a Psicanálise personifica o meio ideal (cf. MERQUIOR, 1980).

No entanto, tanto a Literatura como a Psicanálise são áreas privilegiadas para a análise de tudo aquilo que vai além das aparências, além do que é dito. Acreditamos, portanto, que o objeto do texto literário configura-se como uma mimética do verossímil, um testemunho “demasiadamente humano” de algo inscrito no contexto de uma poíeses. A psicanálise, por sua vez, “possui um saber e uma prática sobre os efeitos da linguagem no sujeito, isto é, sobre sua lógica estrutural discursiva” (MONTEIRO, 1987, p.31).

Para a prática dessa confluência, Jean Bellemín-Noël (1983) nos propõe ler “com os óculos de Freud”. Para o ensaísta francês:

Ler com os óculos de Freud é ler numa obra literária – como atividade de um ser humano e como resultado desta atividade – aquilo que ela diz sem o revelar, porque o ignora; ler o que ela cala através do que mostra e porque o mostra por este discurso mais do que por um outro (p.19).

Entretanto, torna-se fundamental não perder de vista a especificidade do literário, uma vez que a psicanálise será fonte de elucidação à análise do texto ficcional. Nesse sentido, “analisar” a personagem sob a ótica

da clínica psicanalítica é uma praxis errônea que deve ser evitada, sob o risco de tornar o texto literário mero pretexto para especulações de caráter duvidoso.

Com uma leitura aguda e competente do texto literário, Yudith Rosenbaum (1999) assiná-la um possível caminho a ser seguido pelo pesquisador que deseja enveredar por essa linha de pesquisa.

Nosso foco prioritário será, como se espera de uma crítica literária não reducionista, a organização do discurso linguístico, ou seja, o movimento da narrativa no jogo dos planos sintático, metafórico, sonoro etc. E a Psicanálise, enquanto olhar abrangente dos vários níveis textuais, constituindo-se muitas vezes na possibilidade do salto interpretativo a partir dos elementos que a análise estilística decodificou, deverá inserir-se aqui como instrumento de construção dialética entre os sentidos latente e manifesto do texto (p. 21-2).

Outro importante referencial teórico da confluência desses saberes no Brasil, Cleusa Rios Pinheiro Passos (1995), aponta ser o texto literário “um tecido de significantes, em que giram saberes diversos, entre eles o psicanalítico.” Porém, a pesquisadora alerta:

não nos interessa ‘diagnosticar’ ou assinalar uma estrutura ‘neurótica’ ou o recorrente complexo de Édipo nas entrelinhas de uma obra (p. 22-3).

Com base nas contribuições lacanianas à ciência psicanalítica, que atesta que “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”, Leyla Perrone-Moisés (2006), oferece quatro “regras” fundamentais ao estudo do texto literário pautado na união dos dois saberes aqui tratados:

- 1 – Lembrar que o texto literário é, antes de mais nada, obra de linguagem;
- 2 – Abandonar a miragem de uma interpretação última e definitiva;
- 3 – Privilegiar a produção do sentido e não a troca enganosa de sentidos plenos e prévios;
- 4 – Dispensar o biografismo, que confunde indivíduo falante com enunciador (p.116).

Por fim, acreditamos no fato de que a Literatura e a Psicanálise têm em comum a leitura do humano e partem do uso da palavra como matéria prima. Adélia Bezerra de Menezes (2004), em seu livro **Do poder da palavra**, utiliza como epígrafe os seguintes dizeres de Paul Ricoeur:

Onde quer que um homem sonhe, profetize ou poetize, outro se ergue para interpretar.

Após esse breve percurso sobre a metodologia que contempla esse diálogo de saberes que investigam o humano, avançamos este breve ensaio na leitura de trabalhos construídos a partir dessa intersecção. Cabe aqui ressaltar

que os estudos pós-década de 90 foram extremamente fecundos nessa decifração do sujeito humano e do objeto literário, com importantes pesquisas que se valeram da contribuição das teorias de Freud e seus seguidores.

Lucia Helena Vianna (1999), no ensaio “A Pietá – A confissão de um êxtase”, trata de **Uma Aprendizagem ou o Livro dos Prazeres**, de Clarice Lispector, um romance falhado, segundo informa a pesquisadora. Entretanto, publicado em 1969, época em que Clarice já era importante nome no cenário literário brasileiro, o romance é rotulado como adepto da *obra aberta*, propagada por Umberto Eco.

A pesquisadora parte da imagem da Pietá, de Miguel Angelo, que Clarice Lispector evoca na cena romanesca em que Lóri se entrega a Ulisses, para dissertar sobre o romance. Muito há de erótico e sagrado na entrega total entre homem e mulher e, no texto clariceano, uma multiplicidade de sentidos pode ser vislumbrada, uma vez que em toda *Uma aprendizagem* se percorre a lei do desejo e da espera, nos dois únicos personagens do livro. Todavia, a tônica da ensaísta é focar o instante final do romance:

(...) era como depois das grandes jornadas, quando um homem enfim compreendia que precisava se ajoelhar diante da mulher como diante da Mãe. E para Lóri era bom porque a cabeça do homem ficava perto dos joelhos e perto de suas mãos, no seu regaço que era a sua parte mais quente. E ela pôde fazer seu melhor gesto: (...) pegar aquela cabeça cansada que era fruto dela e dele. Aquela cabeça de homem pertencia àquela mulher. Nunca um ser humano tinha estado mais perto de outro ser humano (LISPECTOR, 1998, p. 144).

De acordo com Vianna (1999, p.162), a fantasia da cena final do romance trabalha o desejo por meio do jogo de amor e doação. Nela, o homem suporta a ameaça de devoração que para ele se oculta no amor de uma mulher; A mulher, por sua vez, pode suportar, na mesma entrega, o fantasma da perda do Nome, o seu triunfo sobre o pai. Ainda há, nas duas estâncias amorosas, antes antagônicas, a harmonia suprema, quando o homem pode doar à companheira o seu mais precioso bem. Ainda segundo Vianna, no instante do gozo ocorre a ilusão do preenchimento do não-lugar, destino das personagens de Clarice: A “mãe das mães”, a Pietá, que acolhe o filho no seio e o guarda na hora da morte; a “mãe de todos os homens”, a imagem profana da prostituta, a mulher carnal que conduz à iniciação. No desfecho do romance, a evocação a um Édipo é inevitável. Lóri, a Mulher, como amante de Ulisses, pôde, enfim, suportar a perda do Nome e o corte da relação patronímica, enquanto Ulisses aceita a limitação da própria mortalidade. A Pietá, para Vianna, evoca esse instante: o pai morto nos braços da filha, que agora, liberta, quer gozar sua condição de Mulher. A densidade simbólica da Pietá é infundável: segundo a ensaísta, a cena romanesca autoriza diversas inversões de papéis, como o clássico da mãe amorosa com o filho no regaço; o filho apaixonado, em êxtase, nos braços da mãe desejada; o pai sustentado ao seio da filha, agora amante e protetora. No instante da entrega entre Lóri e Ulisses, no texto

de Clarice Lispector, a imagem assume a forma amado e amante, desvanecidos pelo jogo da entrega total: "deitados no chão eles se amaram tão profundamente que tiveram medo da própria grandeza".

Diante das múltiplas imagens que a cena romanesca do texto clariciano evoca, podemos associar as ideias propostas por Lúcia Helena Vianna ao texto "O Tema dos Três Escrínios" (1913), de Sigmund Freud. Nele, a figura feminina também se desloca, dando espaço a novas leituras acerca da relação do homem com o feminino.

No texto, ao tratar da tragédia **Rei Lear**, de Shakespeare, Freud faz uma interpretação alegórica das três figuras femininas, apontando a representação das três inevitáveis relações que um homem mantém com uma mulher. Elas são as três formas assumidas pela figura da Mãe: a mulher que dá à luz (a própria mãe); a mulher que é sua companheira (a amada escolhida segundo o modelo da mãe); a mulher que o destrói (a Terra Mãe, que o receberá na morte).

Outro estudo que nos interessa é "A deformação essencial", de Daniela Mercedes Kahn (2000), em **A via crucis do outro**. Kahn pretende, ao escrever sobre a crônica "A geleia viva", de Clarice Lispector, rastrear as formas de representação do outro, sobretudo sua representação primitiva associada ao reconhecimento da diferença. Cabe, talvez, acrescentar à nossa leitura o conceito de estranho, desenvolvido por Freud, para melhor elucidar a interpretação lançada pela pesquisadora

O tema do 'estranho' (...) relaciona-se indubitavelmente com o que é assustador — com o que provoca medo e horror; certamente, também a palavra nem sempre é usada num sentido claramente definível, de modo que tende a coincidir com aquilo que desperta o medo em geral. (...) A palavra alemã 'unheimlich' é obviamente o oposto de 'heimlich' [doméstico], 'heimisch' [nativo] - o oposto do que é familiar; e somos tentados a concluir que aquilo que é 'estranho' é assustador precisamente porque não é conhecido e familiar (...) unheimlich é tudo o que deveria ter permanecido secreto e oculto mas veio à luz (FREUD, 1976, p.85-7).

O texto de Kahn busca uma ambivalência entre a narradora de "A geleia viva" e a geleia disforme, a partir do próprio ponto de vista de quem narra, ora em primeira pessoa, ora em terceira. Assim, sujeito e objeto modulam oscilações, que incluem olhar e ser visto. Dessa forma, no trabalho, se por um lado a narradora se identifica com a geleia 'deformada sem se derramar', por outro ela parece observar a geleia de fora, mas numa nítida relação de espelhamento: "Quando olhei-a, nela vi espelhado meu próprio rosto mexendo-se lento em sua vida." (LISPECTOR, 1999, p. 231).

Diz ainda Kahn:

Não é de espantar que, ao invés da própria beleza, a narradora veja nesses espelho 'a sua deformação essencial'. De-formação no sentido mais literal possível, no sentido mesmo da abolição da forma, dos contornos, dos limites do corpo e da personalidade, presentificado

na ambiguidade da própria perspectiva narrativa em que esse eu proteico pode ser ela e até mesmo nós. De-formação que atinge não somente aquele que se mira no espelho mas também o próprio espelho, já que espelho e imagem parecem representar aqui as duas faces do mesmo (p. 48).

Provavelmente temos na forma geleia a projeção de 'um duplo fastasmal, um duplo vivenciado como o Outro, o estranho que desestabiliza e aterroriza por constituir uma matéria primária, lenta, neutra, sobretudo viva. Para Daniela Kahn, o duplo também é uma projeção do "mesmo", e nesse confronto da narradora consigo mesma, a geleia representa a parte mais primitiva do ser cindido, projetada no ambiente externo, interpondo-se como duplo entre ela e o mundo.

O tema do duplo, na tradição literária ocidental, é frequente, assim como a libertação do protagonista do seu duplo fantasmal, por meio de um assassinato que se configura como ou pelo suicídio efetivo do protagonista. Na crônica de Lispector, também a narradora pretende atirar-se do terraço, na agonia de fugir da geleia. O que a faz desistir é enxergar os olhos da geleia, personificados no escuro da noite. A noite havia se transformado em geleia e a morte significaria a fusão definitiva com a substância viva, despida de contornos e forma, por isso desconhecida e assustadora. Ao desistir do suicídio, a narradora adentra um processo de reestruturação, que culmina na recomposição da identidade, ainda que seja uma reestruturação que implique perdas.

Eu queria me salvar? Acho que sim: pois acendi a luz. E vi o quarto de contornos firmes. Havíamos endurecido a geleia viva em parede; havíamos endurecido a geleia viva em teto; havíamos matado tudo que se podia matar, tentado restaurar a paz da morte em torno de nós, fugindo ao que era pior que a morte: a vida pura, a geleia viva (LISPECTOR, 1999, p. 232)

Em suma, a leitura de Daniela Kahn é incisa, sem se deixar contagiar pelo excesso nem cair em arapucas viciosas da confluência Literatura-Psicanálise. Cabe ainda comentar, no campo do literário, um interessante passeio pelos gêneros, presentes em diversos textos migrantes de Clarice Lispector, analisados no primeiro capítulo do trabalho da pesquisadora.

O livro de Yudit Rosenbaum (1999), **Metamorfozes do Mal – Uma leitura de Clarice Lispector**, é, muito provavelmente, um dos mais bem sucedidos estudos literários construídos com base na teoria psicanalítica.

Como foco principal, Rosenbaum elegeu o Mal e suas representações na obra de Lispector. Para a estudiosa, "o sadismo – constitutivo da gênese do eu – articula-se ao tema maior da obra clariciano: a construção da subjetividade" (1999 p.19). Partindo da análise minuciosa de vários contos e dos romances **Perto do coração selvagem** e **A paixão segundo G.H.**, o trabalho em questão busca percorrer uma linguagem do sadismo, em que figuram seres cindidos por demandas antagonísticas – estas, interpretativas do humano em suas contra-

dições fundamentais.

Há em **Metamorfoses do Mal** duas hipóteses centrais que integralizam as questões obscuras da aprendizagem do mal ou, em outras palavras, as modulações do perverso na escrita de Clarice Lispector. Escreve Rosenbaum:

1) mostrar que o mal, na sua forma sádica de manifestação, torna-se, no contexto da literatura clariciana, uma das molas propulsoras do enredo ao deflagrar o trânsito das personagens por seus mundos interno e externo (...) 2) configurar, pelo estudo das imagens e dos recursos narrativos principais, o que se poderia chamar de um 'estilo sádico de narrar', através do qual a autora manipularia seu leitor como brinquedo de uma escrita poderosa (...) (p. 23-4).

Para tanto, a pesquisadora agrega, como fio condutor da análise, os escritos de Freud e Melanie Klein, enquanto "suporte para a compreensão da gênese e das vicissitudes das forças sádicas: pulsão de dominação, pulsão de morte, agressividade, perversidade." (p.25). Na tessitura do trabalho, ainda, de maneira clara e abrangente, a Estilística e a Psicanálise caminham juntas, revelando aspectos do humano por meio dos movimentos da linguagem.

Portanto, no cuidado de não se obter como resultado do trabalho uma análise redutora, preocupada com diagnósticos de personagens e "emolduramentos clínicos", a Psicanálise deve configurar para a Literatura como uma luz interpretativa, capaz de sugerir caminhos de leitura e conceitos a serem inseridos como elucidativos na análise textual.

Iniciamos esse breve percurso teórico citando o professor Antonio Candido. Para finalizar, tomamos novamente de empréstimo palavras do mestre, tecendo brilhantemente precauções sobre um fazer crítico integrador:

[...] mostrar de que maneira a narrativa se constitui a partir de materiais não literários, manipulados a fim de se tornarem aspectos de uma organização estética regida pelas suas próprias leis, não as da natureza, da sociedade ou do ser. [...] O alvo é analisar o comportamento ou o modo de ser que se manifestam dentro do texto, porque foram criados nele a partir de dados da realidade exterior (1998, pp. 9-10).

REFERÊNCIAS

BELLEMIN-NOËL, Jean. **Literatura e psicanálise**. São Paulo: Cultrix, 1983.

CANDIDO, Antonio. "O direito à literatura", in: **Vários Escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

_____. **O discurso e a cidade**. São Paulo: Duas cidades, 1998.

CHALHUB, Samira. **Animação da Escrita: Ensaio de Psicanálise e Semiótica Aplicada**. São Paulo: Hackers/Fapesp, 1999.

FREUD, Sigmund. **Delírios e Sonhos na Gradiva de Jensen**. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

_____. **Além do princípio do prazer**. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

_____. **Cinco lições de psicanálise / Contribuições à psicologia do amor**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

_____. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

_____. "O Tema dos Três Escrínios" in: **O caso de Schreber – Artigos sobre técnica e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1972 (Col. Standard brasileira), vol. XII.

_____. "O Estranho" in: **Uma Criança é Espancada – Sobre o Ensino de Psicanálise nas Universidades e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

KAHN, Daniela Mercedes. **A via crucis do outro – Aspectos da identidade e da alteridade na obra de Clarice Lispector**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: FFLCH USP, 2000.

MENESES, Adélia Bezerra. **Do Poder da Palavra**. São Paulo: Duas Cidades, 2005.

MERQUIOR, José Guilherme. "Psicanaliteratura", in: **O fantasma romântico e outros ensaios**. Petrópolis: Vozes, 1980.

MONTEIRO, Valéria Jacó. **Dom Casmurro: escritura e discurso – ensaio em literatura e psicanálise**. São Paulo: Hacker/Fapesp, 1997.

PARAÍSO, Isabel. **Psicoanálisis de la Experiencia Literaria**. Madrid, Sintesis, 1994.

PASSOS, Cleusa Rios Pinheiro. **Confluências – crítica literária e psicanálise**. São Paulo: Nova Alexandria/Fapesp, 1995.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. "Nenhures: considerações psicanalíticas à margem de um conto de Guimarães Rosa", in: **Flores da Escrivantina - ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

ROSENBAUM, Yudith. **Metamorfoses do mal – Uma leitura de Clarice Lispector**. São Paulo: Edusp/Fapesp, 1999.

VIANNA, Lucia Helena. "A Pietá", in: **Cenas de Amor e Morte na Ficção Brasileira**. Niterói: Eduff, 1999.

VILLARI, Rafael Andrés. **Literatura e Psicanálise: Ernesto Sábato e a melancolia**. Florianópolis: UFSC, 2002.

VITAL BRAZIL, Hórus. **Dois Ensaio entre Literatura e Psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

WILLEMART, Philippe. **Além da Psicanálise: A Literatura e as Artes**. São Paulo: Nova Alexandria/Fapesp, 1995.